



ENRIQUE DUSSEL: UMA FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO TRANS-MODERNA E ANTIFETICHISTA¹

Paulo Victor Souza dos Santos

Licenciando em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú.

souzadossantospaulovictor173@gmail.com

Resumo: O presente artigo apresenta a filosofia proposta por Enrique Dussel, um filósofo da libertação que desenvolve uma filosofia crítica voltada para o contexto latino-americano. O foco de nossa discussão recai sobre o conceito de Trans-modernidade e em como esse conceito de Dussel se estende dentro da história do Cristianismo no Ocidente e na América Latina. Desta perspectiva, discutiremos a ideia de Fetichismo Religioso abordando sua conexão com a construção da Modernidade no ano de 1492 d.C, e abordar o papel do Cristianismo nesse processo. A partir disso, é necessário, abordar a crítica de Dussel e sua proposta uma nova filosofia que transforma e revoluciona o Cristianismo, e logo a noção de Religião Anfetichista surge como instrumento de práticas de Libertação, utilizando a fé e a Ética como forma de proporcionar um âmbito mais prático desse modo de libertação e desse modelo tradicional fetichista da religião. Dessa forma, essas noções se tornam o centro da questão do artigo desenvolvido, e a conexão com a Trans-modernidade.

Palavras-chave: Filosofia da Libertação. Trans-modernidade. Fetichismo Religioso. Religião Antifetichista.

¹ Bolsista pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), com o projeto “Fetichismo e antifetichismo da Religião em Enrique Dussel no contexto da sociedade pós-secular”, sob orientação do prof. Dr. Rento Almeida de Oliveira.

ABSTRACT: This article presents the philosophy proposed by Enrique Dussel, a liberation philosopher who develops a critical philosophy focused on the Latin American context. Our discussion focuses on the concept of Trans-modernity and how Dussel's concept extends into the history of Christianity in the West and Latin America. From this perspective, we will discuss the idea of Religious Fetishism, addressing its connection to the construction of Modernity in 1492 AD and the role of Christianity in that process. Consequently, it is necessary to address Dussel's critique and his proposal for a new philosophy that transforms and revolutionizes Christianity; the notion of "Anti-fetishist Religion" thus emerges as an instrument for practices of liberation, employing faith and ethics to provide a more practical dimension to this mode of liberation and to the traditional fetishistic model of religion. Thus, these notions become central to the issue discussed in the article, and their connection to Transmodernity

Keywords: Philosophy of Liberation. Transmodernity. Fetishistic Religion, Antifetishistic Religion.

Introdução

Enrique Domingo Dussel Ambrosini (1934-2023), mais conhecido como Enrique Dussel, foi um filósofo Argentino naturalizado no México, um dos precursores da Filosofia da Libertação na América Latina. A sua pretensão filosófica era discutir uma filosofia propriamente da América Latina. No entanto há estudiosos que se opõe a Dussel, pois não consideram sua filosofia útil para o desenvolvimento do pensamento latino-americano. Para eles Dussel é um "teólogo frustrado", e alegam que sua forma de fazer filosofia não é uma Filosofia, na verdade é apenas uma crítica sobre a história política da Europa e América Latina (Bautista, 2018, p.34)

Dussel nos traz um novo olhar acerca do que foi a História do Mundo. Ele se propõe a trabalhar as relações entre História da Europa e

América Latina, uma relação que trouxe para o contexto latino-americano muitas dores, tanto em seu sentido literal, como em sentido simbólico. Nesse artigo serão tratados os aspectos que se desaguam no conceito de Trans-modernidade, um conceito tratado por ele para marcar um evento histórico que critica o Eurocentrismo e a dominação da Europa sobre os países colonizados.

Nesse texto será desenvolvido, na primeira seção, o conceito de trans-modernidade. Porém é necessário antes explicar o de Modernidade. A Modernidade se constitui de um conceito emancipador que afirmamos como algo racional, no entanto, nos deparamos também com a irracionalidade da modernidade, pois a suposta ideia de emancipação racional da Europa foi justificada por violência, dominação, sofrimento, exclusão, e sobretudo, superioridade sobre os povos colonizados. Na obra *1492* (Dussell, 1993), Dussel fala sobre o início dessa emancipação europeia, quando a Europa se pôs a colonizar outros povos, como exemplo a América Latina, Ásia e África, a partir de um discurso de dominação. Na obra *El primer debate filosófico de la modernidad* (Dussel, 2020), o autor nos mostra como ocorreu esse processo de dominação, qual a origem dessa ontologia moderna e quais as influências filosóficas que colaboraram para essa ideia. O desdobramento do problema do conceito que vamos discutir é uma crítica a discussão sobre religião e teologia e isso é importante, pois foi a partir de um discurso religioso que iniciou a colonização europeia. Após explicar o conceito de Modernidade, entraremos no discurso filosófico de Dussel, onde ele mostra uma história dualista, com duas visões: uma história a partir da ótica europeia, que é a comum em termos de “desenvolvimento”; e a história dos povos marginalizados e escravizados durante o processo de colonização. De modo processual iremos discutir os conceitos chaves.

Na segunda seção iremos relacionar o conceito de Modernidade com a ideia de Fetichismo Religioso e mostrar como os argumentos teológicos se fundiram com a ideologia de “superioridade” se fetichiza

durante esse processo. Logo depois iremos inserir o discurso de Trans-modernidade, isto é, uma crítica à própria Modernidade, mostrando-nos a verdadeira face dessa cultura. Diante disso, surgem as perguntas: Como se deu o processo de colonização e os argumentos utilizados para escravizar, dominar e inferiorizar outros povos? É isso que iremos discutir. Cabe ressaltar que a ideia de “Fetiche” carrega um sentido específico. No entanto, Dussel articula esse conceito à religião, pois na construção da modernidade, a Religião Cristã foi de extrema importância para a construção desse discurso:

Fetiche vem do português feitiço (de raiz latina facere, fazer, é o fato, de onde deriva igualmente feitiço) e significa o feito pela mão dos homens, mas que pretende aparecer como divino, absoluto, digno de culto; fascinante, tremendo, diante do qual se treme de espanto, terror, admiração. Ora, todo sistema tende a fetichizar-se, totalizar-se, absolutizar-se. (Dussel, 1977, p.103).

A Trans-modernidade para Dussel, não é apenas um conceito filosófico teórico, mas um instrumento de prática social, o que visa a reflexão acerca do espaço em que estamos inseridos, pois assim construímos uma visão crítica sobre a história do nosso espaço e compreendemos o que somos, nesse caso percebemos nossa subalternidade quanto à Europa. A reflexão busca uma libertação teológica. Para o filósofo, a saída dos europeus a caminho do “mundo novo” marca o início da Modernidade. Em Dussel (1993), ele mostra que argumentos religiosos foram essenciais para justificar a dominação política, cultural e econômica. A partir disso, Dussel propõe uma nova lógica teológica, ele defende a ideia de que o discurso cristão não deve servir para inferiorizar, mas deve ser fonte de libertação ética e justiça para os oprimidos. É a partir dessa visão que se inicia um discurso antifetichista.

Em suma, o presente artigo pretende analisar alguns fatos históricos e discutir filosoficamente a partir de ideias extraídas das obras de Dussel discursos que criticam esse processo histórico, e sua nova proposta filosófica que tem o papel de romper com toda a construção fetichista cristã da modernidade.

1 Problema da modernidade

A modernidade surgiu de vários fatores históricos e sociais. Filosoficamente essa fase da história foi marcada pela revolução da razão, porém também pela irracionalidade ética. Por isso é necessário discutir os argumentos de Dussel a partir dos caminhos propostos por ele. Dussel (1993) trata sobre o “mito da modernidade”, e seu componente “desenvolvimentista”. No início, Dussel trata sobre o que é o Eurocentrismo, e quais os argumentos filosóficos utilizados para alegar a Europa como Centro. Para discutir o que é o Eurocentrismo, é necessário iniciar com a interpretação fetichista dos Europeus quanto aos povos tradicionais que viviam nesse continente “descoberto”, os ameríndios.

Embora esse não seja o significado literal do termo, o Fetichismo Religioso citado por Dussel não é nada além de um discurso religioso para dominar e inferiorizar outros povos que não possuíam a mesma crença que eles, nesse caso o Cristianismo. Logo, aqueles que não detinham esse conhecimento sobre o Deus cristão, eram bestiais, bárbaros e não poderiam estar contidos dentro da Totalidade europeia.

Todo mundo é uma totalidade. Totalidade indica esse limite de limites. (...) Efetivamente, é o limite dentro do qual todo ente todo ente (que pode ser objeto ou fato) encontra seu sentido. O mundo é a totalidade fundamental; é a totalidade de totalidades. Dussel, 1977, p. 27).

Essa ideia de totalidade está intimamente ligada à ideia de Ontologia, pois se baseia na ideia que existe uma realidade única e universal que pode ser compreendida e controlada pela razão humana.

Anteriormente ao ano de 1492, ano do suposto descobrimento, a Europa ainda não era o Centro, ela estava para Vir-a-Ser o Centro. Retornando um pouco a filosofia grega, pretendemos agora discutir o que é esse Ser e por qual motivo Dussel se pôs a discutir sobre isso também. Parmênides em sua metafísica diz “o ser é e não-ser não é”, a ideia de ser está ligada a todo o horizonte em que ela se limita, nesse caso o Ser mencionado, o horizonte, é o grego, e é o início e o fim de uma totalidade, o não-ser é aquele que não está dentro dos limites de uma totalidade, é algo que não pode ser posto junto com o Ser, pois o Não-Ser é sempre aquele que não é, o que está além dos horizontes, nesse caso na Grécia Antiga se refere aos bárbaros. Utilizando essa ideia como auxílio de construção de argumento, Dussel alega que a Totalidade é um processo dialético, pois para haver um Ser, fechado dentro de seus próprios limites, há sempre o não-ser jogado às margens. E naquele momento da história, no ano de 1492, a Europa pretendia se totalizar, pois ainda não era o centro, ainda era periferia dos Muçulmanos.

Apenas depois, com as Grandes Navegações no ano de 1492, a Europa absolutizou-se e se tornou Centro do mundo (Dussel, 1993, p. 112), mas aqui será tratado apenas os argumentos interpretados por Dussel. É sabido que sua filosofia foi construída a partir de análise de argumentações de outros filósofos, como Kant e Hegel, pois eles diziam que a Europa era que detinha todo o conhecimento e seu modo de fazer filosofia era única maneira de construir conhecimento. Dussel não concorda com essa ideia, pois a razão fechada em uma Totalidade, exclui outras subjetividades, outros povos, e foi exatamente o que aconteceu nessa modernização.

O ego ou a “subjetividade” européia imatura e periférica do mundo muçulmano que se desenvolverá até chegar com Fernando Cortês, na conquista do México (o primeiro “espaço” onde o referido “ego” efetuará um desenvolvimento prototípico), a se tornar “Senhor-do-mundo”, como “vontade-de-poder”. Isto permitirá uma nova definição, uma nova visão mundial da Modernidade, o que nos descobrirá não só seu “conceito” emancipador (que é preciso subsumir), mas igualmente o “mito” vitimário e destruidor, de um europeísmo que se fundamenta numa “falácia eurocêntrica” e “desenvolvimentista”. (DUSSEL, 1993, p. 23-24).

A ideia de “ego” é um conceito fundamental para compreender a totalidade vigente e o “eu” fechado em si mesmo. Na filosofia cartesiana, a ideia de “Cogito, ergo sum” a ideia de pensar condiz com a própria capacidade de raciocinar, ou seja, de ter razão. Como foi dito inicialmente², a Modernidade foi demarcada tanto pela razão filosófica, quanto pela irracionalidade, e a pretensão de Enrique Dussel é discutir isso:

não criticaremos a razão enquanto tal; mas atacaremos sua crítica contra a razão dominadora, vitimária, violenta. Contra o racionalismo universalista, não negaremos seu núcleo racional e sim seu momento irracional do mito sacrificial. Não negaremos então a razão, mas a irracionalidade da violência do mito moderno; não

² A modernidade, por si só possui vários componentes históricos e sociais, que contribuíram para que ela pudesse existir, pois filosoficamente, em sua conjuntura, foi um momento de revolução racional, no entanto foi também um momento de irracionalidade ética, porém, pretendemos discutir inicialmente os argumentos de Dussel a partir de alguns caminhos tomados por ele.

negamos a razão, mas a irracionalidade pós-moderna;
(Dussel, 1993, p.23).

Percebe-se que Dussel faz uma crítica a toda filosofia pós-moderna, então se ele critica essa forma de fazer filosofia, ele não se considera um filósofo pós-moderno, pois se assim ele se denominaria e também estaria concordando com toda razão que defendesse a dominação da Europa na América, e não haveria sentido em criar uma filosofia restrita a América-Latina, e por isso ele propõe uma Trans-modernidade, que é uma crítica a toda modernidade fetichista

O ego é, portanto, a faculdade da razão, do pensamento e da percepção da realidade, que nos permite adaptar-nos ao mundo e agir de forma consciente e racional, e se isso é vista como verdade, a dominação, as mortes e a destruição dos povos seriam justificadas apenas por esse argumento racional. Logo, a crítica que Dussel faz é a toda razão moderna e pós-moderna.

2 A modernidade e o fetichismo religioso

Com o início da Modernidade, no ano de 1504 quando os Europeus pretendiam expandir seu comércio, se depararam com uma nova terra, um continente habitável. Nessa seção, será mostrado algumas fontes históricas e relatos de pessoas que se depararam com o continente e o que viram, logo depois como se iniciou o discurso de dominação. Na carta “Novo Mundo” de Florentino Américo Vespúcio – que servia a Coroa Espanhola – dirigida a Lorenzo di Pietro de Medici, alega existir que a terra antes visitada por ele, é um lugar de grande abundância de animais e plantas, a terra que futuramente será conhecida como “América”.

Américo Vespúcio apresenta seus melhores cumprimentos a Lorenzo di Pietro di Medici. Em uma

ocasião anterior vos escrevi de uma maneira mais extensa sobre meu retorno daquelas novas regiões que descobrimos e exploramos com nossa frota sob o patrocínio e as ordens do Sereníssimo Rei de Portugal. E a elas podemos realmente chamar de um novo mundo, uma vez que nossos antepassados não tinham nenhum conhecimento sobre elas e este será um assunto totalmente novo para todos aqueles que dele tomarem conhecimento. Porque isso transcende a concepção de nossos ancestrais, que em sua maioria achavam que não havia nenhum continente ao sul do Equador, mas apenas o mar que denominavam Atlântico; e, se alguns dentre eles chegaram a afirmar que havia um continente, por outro lado negaram com argumentos abundantes que fosse uma terra habitável. Mas minha última viagem tornou evidente que essa doutrina é falsa e totalmente oposta à verdade, pois nessa região ao sul encontrei um continente mais densamente habitado e abundante em animais do que a Europa, a Ásia e a África, e além disso encontrei também um clima mais ameno e agradável do que em qualquer outra região conhecida por nós, como vós vereis no relato em que apresentarei, de forma sucinta, apenas as questões mais importantes e as coisas mais dignas de recordação e de comentário vistas ou ouvidas por mim nesse novo mundo, como podereis confirmar a seguir. ... Se eu tentasse contar em detalhe as coisas que havia e escrever sobre as numerosas espécies de animais que encontrei e o grande número deles, isso seria por demais vasto e prolixo. E realmente creio que nosso Plínio não chegou a mencionar nem a milésima parte das espécies de papagaios e outros pássaros e animais que existem nessas regiões, de formas e cores tão diversas que Policleto, o

mestre da pintura, não teria sido capaz de pintá-los.
(Vespúcio, 2013 p. 17).

Nesse momento, a pretensão seria mostrar os primeiros vislumbres dos europeus ao chegar na América e compreender quais eram seus interesses. Como sabemos, a Europa nem sempre foi o Centro, e o encontro desse Novo Mundo permitiu a sua absolutização, e a construção de uma nova era. Pretendemos, então nesse momento iniciar nossa discussão sobre o que é a religião como instrumentalização de dominação, nesse caso o Fetichismo e a Religião contribuem entre si para que possa haver essa absolutização em forma de dominação e superioridade e qual o envolvimento dela com o Cristianismo.

Esse debate filosófico fica bem claro em Dussell (1993) onde se diz que o “Outro” é aquele que foi marginalizado na história, excluídos pelo sistema dominante, esse caso a totalidade europeia, o eurocentrismo, os povos que foram dominados e colonizados, nessa obra Dussel alega que esses povos não foram descobertos, mas encobertos, toda sua identidade cultural e sua humanidade tentaram ser apagadas. Nesse sentido, pretendemos abordar a ideia de Conquista Espiritual, pois trata sobre a fetichização da religião (Cristianismo), e a religião quando se fetichiza ela absolutiza, assim como todo outro sistema, ela é utilizada como instrumento máximo de racionalidade, nesse caso, se tornou instrumentalização de dominação e exclusão, é imprescindível ressaltar esse pois, isso não significa que essa seja a essência da religião, a religião em seu sentido mais particular significa

Entramos agora no discurso acerca da dominação e em como Dussel a interpreta. Na carta “Mundus Novus” de Américo Vespúcio, ele retrata um acontecimento durante o momento de expedição dessa nova terra que pode ser considerado de maneira oficial, um dos primeiros conflitos entre esses “dois mundos”, as duas totalidades, as duas totalidades, a Europa, e o mundo encoberto por eles, o mundo dos

ameríndios, considerado um mundo primitivo aos olhos fetichistas da Coroa Espanhola.

Ao chegarem ao local, a população nativa demonstrou medo e estranheza diante dos recém-chegados, evitando qualquer aproximação inicial. No entanto, em determinado momento, alguns barcos se aproximaram, trazendo consigo dezesseis mulheres. Para os europeus, a cena parecia inofensiva, até mesmo divertida, mas logo perceberam que algo estava errado. Ao observarem ao redor, notaram vários membros da comunidade com arcos apontados para eles. Foi o início de um dos primeiros conflitos. Do ponto de vista dos europeus, tratava-se de uma traição; para os ameríndios, uma reação natural diante da ameaça representada pelos estrangeiros. Essa tensão marca o momento em que a "conquista" começa a ganhar forma. No desenrolar do evento, Vespúcio conseguiu recuar até seu navio, mas não sem consequências. Além do sangue derramado e das vidas perdidas entre os indígenas que apenas buscavam proteger seu território, alguns prisioneiros foram levados pelos europeus.

Prendemos duas das referidas moças e três homens e, em seguida, visitamos suas casas e entramos nelas, mas não encontramos ninguém, a não ser duas velhas e um homem só, doente. Não quisemos incendiar as casas por um temor escrupuloso de fazê-lo. Depois, remamos aos navios com os cinco prisioneiros mencionados e lhes pusemos grilhões, exceto nas moças. (Vespúcio, 2013, p. 42)

Dussel alega que essa foi a primeira "Conquista" da Europa sobre a América, a conquista através de armas, com violência física, e comparando os portes de armas dos europeus e os ameríndios, é nítido que a Europa possuía mais vantagem nesse aspecto, devido ao seu grande poder de fogo. A filosofia de Dussel vai além desse tipo de conquista, o problema a

ser tratado é a conquista espiritual. De modo geral, essa conquista trata sobre a fetichização do cristianismo, é onde o argumento de dominação começa a criar formas, e inferioriza às demais crenças em prol de um objetivo fetichista. Dussel (1993) especifica duas questões que se constituem para originar a problemática “A Conquista Espiritual” e o “Encontro”.

A ideia de razão moderna não vale para os nativos, pois é uma construção europeia utilizada pelos dominadores, Razão pela qual os nativos foram vítimas. O problema da cristandade surge do “encontro” entre duas culturas distintas. Para impor sua visão, a Europa encobriu aqueles povos que estavam sendo colonizados e a partir disso tentou absolutizar a sua cultura cristã. Assim, houve dois momentos de conquista: a “Conquista” pelas armas e consequentemente pela “Conquista Espiritual”. A igreja institucional foi usada para legitimar o domínio sobre aquelas terras e todos os recursos naturais que ali estavam contidos. Dessa forma, a colonização se tornou possível pois o objetivo europeu era expandir seu território, sua cultura, seus modos de vida e principalmente explorar os recursos naturais como ouro e prata, e abrir novas rotas comerciais para seus produtos. Os europeus pretendiam também propagar a religião cristã, por motivos espirituais, políticos e econômicos, embora a ideia de conversão e salvação também está inclusa nesse processo de expansão religiosa, assim como a ambição de expandir o poder de igreja e o “controle social”, ou seja, a imposição da fé para evitar conflitos nas sociedades coloniais, criando normas para facilitar o domínio europeu sobre as populações locais.

A propagação da religião cristã começa quando se estrutura com a conquista espiritual, não estamos falando de uma missão de evangelização como cita várias partes da bíblia, como em Marcos 16: 15-16 quando Jesus também lhes ordenam que anunciem o evangelho e alega que quem crer e for batizado será salvo, mas quem não for será condenado. A Conquista, para Enrique Dussel, não é uma conquista

pacífica e que dá o direito aos nativos de acreditarem ou não e darem valor ao livre-arbítrio dele. Na situação em que os nativos se encontravam não havia opção de escolha, logo eles se encontravam naquele momento de desespero, de identidade fragilizada, onde suas crenças estavam sendo desvalorizadas através de propagação deturpada do que de fato é o cristianismo.

Antes de qualquer batalha, era lido para os nativos um texto que exaltava a religião cristã, a igreja e o poder do papa, com a pretensão de converter os nativos para evitar a dor da derrota, no entanto, é bem claro que os nativos não compreendiam o que estava sem dito por eles, a partir dessa derrota, "miticamente" seus deuses também eram mortos, subjugados a fim de uma razão maior, superior. Todo o mundo "imaginário" dos nativos era considerado como fora da totalidade europeia, eles eram exteriores, o "Outro" em relação ao ser e vigência, seres demoníacos, digno de todo sofrimento, que deve ser exterminado, para pagar por seus pecados, na visão fetichista da Europa, para eles eram esses tipos de seres: É por isso que a "conquista espiritual" deve ensiná-los a doutrina cristã, as principais orações, os mandamentos e preceitos, de cor, cada dia. (Dussel, 1993, p. 63).

3 A Trans-modernidade e o antifetichismo

A trans-modernidade se apresenta como um conceito de Libertação, pois, como já mencionado, a Filosofia de Dussel se apresenta não como uma mera crítica dos eventos históricos da América Latina. Em vez disso, ele desenvolve uma análise filosófica acerca desses acontecimentos, porque Dussel acredita que esses fatos deixaram um legado presente na atualidade em várias estruturas da sociedade. Devido a conquista europeia sobre os nativos e a colonização da Europa, eles não apenas impuseram um domínio territorial, mas transformaram costumes

e culturas não estritamente pertencidas à América Latina. Logo, a estrutura Social e Política foi preestabelecida a partir das influências deixadas no período colonial pelos europeus.

A Trans-modernidade e a ideia de libertação são conceitos complementares para a filosofia de Dussel, pois ambos buscam uma ruptura do legado deixado pela modernidade eurocêntrica, logo a análise desses conceitos requer um nível de busca mais específico para compreender em quais estruturas da sociedade essas influências se manifestam. A partir disso, será tratado sobre como é possível a prática de Libertação desses costumes e o envolvimento dela com a Teologia da Libertação e o Antifetichismo Religioso.

Embora ambos os conceitos compartilhem o objetivo de superar a opressão imposta pela colonização, eles não são idênticos, mas sim complementares. Logo, a Teologia da Libertação busca reinterpretar a fé cristã como um instrumento de justiça social, enquanto o Antifetichismo Religioso denuncia a instrumentalização da religião como ferramenta de dominação. Juntos, esses princípios se interconectam para alcançar um objetivo comum: a libertação dos povos e culturas encobertas pelo domínio europeu. A intenção, então, é desenvolver cada um dos conceitos para enfim chegar à ideia de libertação e o que constitui essa ideia, nesse caso a Ética da Libertação, ou seja, a Religião não terá mais um caráter de dominação e superioridade que legitima o Outro, mas sim de justiça social para aqueles que foram encobertos, que foram vítimas e sofrem atualmente pelos vestígios perpetuados pelo eurocentrismo.

Na proposta de Enrique Dussel de uma Trans-modernidade, não tratamos mais de um Ser fechado em si mesmo, que nega outras culturas e costumes, mas sim um rompimento dessa proposta. A ideia de Ser proposta pelas ideologias da Modernidade, se remete a ontologia tradicional³ onde a Europa impõe uma visão única de Ser, ignorando as

³ Citado na página 5, a filosofia parmênídica sobre o Ser e o Não-Ser.

culturas e a totalidade que constituía o mundo dos nativos, os marginalizados, aqueles que não constituía a totalidade do Ser em vigência, a totalidade da Europa. A proposta então de uma “Transontologia” é uma ruptura, uma revolução proposta por Dussel, considerado por ele um instrumento de Libertação de toda dominação e encobrimento proposta pelo racionalismo moderno que reconhece a exterioridade dos povos que sofreram com a história e propõe nesse momento uma abordagem que valoriza muitas formas de existência, sem exclusão, inferioridade ou superioridade.

Ora, além do ser, transcendendo-o, há ainda realidade. Se a realidade é a ordem da constituição cósmica das coisas, resistentes, subsistentes e crescentes desde si, a partir de si, é evidente que há realidade além do Ser. (...) 2.4.3.7 O outro é a noção precisa com a qual denominaremos a exterioridade enquanto tal, a histórica, e não a meramente cósmica ou físico-vivente. O outro é a alteridade de todo sistema possível, além do “mesmo” que a totalidade sempre é. O ser é e o não-ser é ainda ou pode ser o outro, diríamos contra Parmênides e a ontologia clássica. (Dussel, 1977, p. 49).

É nítido então que, a Transontologia traz uma abertura a uma nova concepção filosófica que rompe com a modernidade e a pós-modernidade, isto é, uma filosofia que não se limita a princípios de periferização de povos, mas uma filosofia que supere esses princípios. Essa libertação possui, então, outros princípios que vai além dos meros caracteres modernos. E a partir disso, Dussel propõe uma teologia da libertação que busca promover a superação dos oprimidos, utilizando a fé e a justiça como instrumentos essenciais para a causa.

Para compreender essa ruptura, Dussel trilha um caminho em sua filosofia da libertação que alcança o Antifetichismo. Primeiro ele trata

sobre a ideia de Exterioridade do Outro não mais como negação de existência. Como diz Dussel (1977, p. 52): “Além do horizonte que abarca a razão, mesmo ontológica, reside a realidade do outro”. Nesse trecho Dussel compreende que, a razão em sua forma ontológica possui limites. O Outro – os nativos, os povos colonizados, marginalizados, perifêrizados, vítimas da colonização europeia – possui uma existência não inclusa dentro da dimensão da totalidade vigente imposta pela modernidade. Porém, a ontologia, quando se fecha em si mesma, não compreende o Outro como afirmação, mas como negação de existência. A partir disso, Enrique Dussel reforça que a realidade do Outro é uma realidade que transcende qualquer objeto incluso dentro da totalidade, tornando impossível que a ontologia descubra toda a verdade sobre a realidade do Outro, e é nesse momento em que a fé assume um papel de instrumento de libertação da filosofia Antifetichista de Dussel.

Diante daquilo que a razão não poderá abarcar, o mistério do outro como outro, somente a fé pode adentrar-se. na proximidade, no face-a-face, alguém pode ouvir a voz do outro e acolhê-la com sagrado respeito. (Dussel, 1977, p. 52).

A fé, para Dussel, é uma das mais essenciais práticas de libertação contra o sistema fetichista, onde a crença, a religião não são mais vistas como um instrumento de dominação, mas de prática de aceitação do outro, e apenas através da fé é possível compreender a totalidade do Outro, pois a razão moderna não possui essa capacidade de compreensão e afirmação. A fé, portanto, é entendida agora como um ato de abertura e acolhimento, não mais como exclusão, ou fetichização. Logo, apenas no face-a-face, onde não há negação que é possível compreender a exterioridade, o Outro. Nesse momento, percebe-se que a fé possui um caráter mais puro e prático, ou como Dussel cita, um caráter Ético. Portanto, só é possível reconhecer a exterioridade do Outro por meio da

fé e do respeito ao Outro, logo essa ideia rompe com todo sistema fetichista que não se abre ao Outro, por isso é essencial citar a ideia de exterioridade e fé como instrumento de libertação antifetichista para compreender a ruptura de todo o sistema fetichista que Dussel alega.

Como foi citado anteriormente, o Antifetichismo e a Teologia da Libertação de Dussel não são conceitos idênticos, mas complementares, enquanto uma se preocupa com a idolatria e a absolutização da religião cristã assim como os dogmas que contribuíram para o processo de dominação, a outra se preocupa em reinterpretar os dogmas da fé cristã, transformando-a em um instrumento de justiça social, que se preocupa com a emancipação dos oprimidos. Por isso ele se utiliza da Ética e a fé como contribuintes da libertação, e reinterpretação do que era considerado como racional na religião cristã, onde os valores foram reduzidos a mecanismo de opressão.

Conclusão

Ao longo deste artigo, exploramos a construção da proposta filosófica de Enrique Dussel, analisando algumas fontes históricas que contribuíram para o surgimento da Modernidade e a colonização iniciada no ano de 1492. Para desenvolver essa pesquisa foi necessário que recorrêssemos a fontes históricas que complementam a compreensão desse evento, evidenciando a emancipação da Europa sobre os povos colonizados, e a partir disso mostrar como se deu essa forma de emancipação, considerada por Dussel, irracional. Foi necessário, a partir da construção desse discurso, mostrar o envolvimento do Cristianismo e da religião, analisando como ela foi utilizada para dominar. A partir disso, Dussel construiu uma filosofia que se baseia na análise filosófica do que ele denominou Fetichismo Religioso, e Antifetichismo religioso, ambos nos mostram uma visão crítica sobre como se desenvolveu a história e uma

forma de romper com o modo que a história se desenvolveu. E nessa conjuntura a ideia de Trans-modernidade surge como forma para dar abertura à discussões que rompem com o modelo cultural de dominação. Nesse sentido, o antifetichismo, assim como a Teologia da Libertação nos mostra uma nova forma de ver a sociedade e as estruturas que compõem a sociedade, pois ambas se moldam por um fim único: a Libertação. Essa Libertação se estrutura a partir de conceitos essenciais em sua filosofia como totalidade, exterioridade, noção de Outro, Fé e Ética, pois ambas permitem uma visão mais ampla da sociedade. Portanto, a Trans-modernidade propõe uma nova maneira de interpretar a sociedade, rompendo com modelos de opressão e propondo uma visão de religião não mais como opressora, mas sim humana. A construção dessa pesquisa, permite extrair da Obra de Dussel, uma pesquisa específica sobre sua Política da Libertação, pois nos mostra uma outra visão acerca da história geral, e os momentos da história em que a Europa não é o Centro, ou detentora da razão. Permite também que naveguemos em outras visões sobre a política que se chocam com o modo de ver a política em outros filósofos, como Karl Marx e sua discussão acerca da Alienação e Libertação.

Referências

BAUTISTA, J. J. *¿Qué significa pensar «desde» América Latina?: hacia una racionalidad transmoderna y postoccidental*. 1. ed. Caracas: Monte Ávila Editores Latinoamericana C.A., 2018. ISBN 978-980-01-2075-0.

DUSSEL, E. *Desintegración de la cristiandad colonial y liberación*. Buenos Aires: Ediciones Sígueme, 1977.

DUSSEL, E. *El primer debate filosófico de la modernidad*. Buenos Aires: CLACSO, 2020. ISBN 978-987-722-721-5.

DUSSEL, E. *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, Jaime A. Clasen, Lúcia M. E. Orth. Petrópolis: Vozes, 2000.

DUSSEL, E. *Filosofia da libertação*. Tradução de Juan Carlos Torres. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1985.

DUSSEL, E. *1492: O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

DUSSEL, E. *Paulo de Tarso na filosofia política atual e outros ensaios*. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2016. (Coleção Novos Caminhos da Teologia).

HINKELAMMERT, F. J. *Para uma ética da vida: além do bem e do mal*. Tradução de Joaquim Parra Marujo. São Paulo: Paulus, 2004. ISBN 85-349-1542-5.

VESPÚCIO, A. *Novo mundo: as cartas que batizaram a América*. Prefácio de Antonio Edmilson Martins Rodrigues. [S.l.]: Biblioteca Básica Brasileira / Correios, [s.d.].